

Ocupação e povoamento do Norte do Brasil

Thalita de Oliveira Casadei *

“O Brasil tem vivido como nação atlântica e algumas vezes como nação platina. Nunca se realizou como nação amazônica.”

Arthur Cesar Ferreira Reis

1. Exploração e ocupação; 2. Missionários e catequeses; 3. Formação étnica; 4. Comércio e transportes.

A frase do Dr. Arthur Cesar Ferreira Reis vem a propósito do grande movimento que ora se realiza para a integração da região amazônica no cenário geográfico e cultural do Brasil. Os brasileiros só agora estão conhecendo a Amazônia, desbravando a sua selva e sabendo das suas riquezas minerais.

É a fase positiva de sua história, pois antes era a fase maravilhosa de aventuras ou de sofrimentos diante do meio hostil ao homem de outras paragens.

A Amazônia foi conhecida desde o século XVI, quando os espanhóis percorreram seu rio principal, o Amazonas, viajando da nascente para a foz. Descendo o rio, Francisco Orellana fez surgir para o mundo a lenda do Eldorado e das mulheres guerreiras, estas últimas cognominadas amazonas. No século XVII, em pleno domínio espanhol, o Cap. Pedro Teixeira, português, realizou a mesma viagem, mas em sentido inverso. Subiu o rio comandando uma expedição que alargou o nosso território, abandonando os acanhados limites da Linha do Tratado de Tordesilhas.

A fundação de Belém do Pará e de várias povoações nas margens dos rios amazônicos fizeram chegar à região o elemento branco

* Licenciada em geografia e história pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia; presidente do Instituto Histórico de Niterói e autora do livro *Página de história fluminense*.

(o português), que conviveu com a grande população indígena e com o escasso elemento negro, depois também aí introduzido.

Sempre considerada como uma região encantada e por muitos apelidada de Inferno Verde ou de Paraíso Verde, a Amazônia chegou aos nossos dias como qualquer coisa fora da realidade nacional. Suas ligações culturais e comerciais sempre foram feitas com o Velho Mundo, isto é, com a Europa, como se não estivesse no Brasil e como se dele não fizesse parte.

A riqueza vegetal de sua extensa área verde sempre atraiu o homem branco, que visava o comércio das drogas, de seus produtos naturais, de suas madeiras preciosas, tão abundantes na floresta equatorial. Era o extrativismo vegetal que predominava. O botânico, o homem de ciência, encontrou na Amazônia um vasto campo para seus estudos e experiências, por causa da enorme variedade das espécies que caracteriza a sua flora. Do mesmo modo, o zoólogo se espanta diante das formas do mundo animal, que prolifera naquela zona quente e úmida, naquele meio sombrio e aquoso, e onde os animais de grande porte não sobrevivem. A criação de bovinos e, agora, de búfalos, é feita em zonas onde a floresta cede lugar aos campos. Assim, temos a criação em Marajó, nos campos do Rio Branco etc. O mundo alado é de grande riqueza e os cantos dos pássaros, inclusive, já foram gravados, tal a sua beleza.

A região amazônica teve uma época áurea com o chamado ciclo da borracha, produto da seringueira ou *hevea brasiliensis*, que fez acorrer para a região levadas e levadas de nordestinos, principalmente de cearenses, que ocuparam trechos da sua parte ocidental e do atual Estado do Acre. Este, antes território e, no princípio, zona de conflito entre brasileiros e bolivianos, teve sua sorte resolvida por um Tratado de Limites assinado na cidade fluminense de Petrópolis. Os seringais nativos pouco sofreram a concorrência das plantações ordenadas do Oriente e o período de riqueza, alcançado em pouco tempo, logo desapareceu. Deixou-nos lendas, estórias e um magnífico teatro recentemente restaurado e localizado em Manaus.

Ao lado do colonizador, do coletor de plantas e frutos, ao lado dos seringais nativos, das aldeias pobres, esteve sempre presente e,

ainda hoje, lá difunde a fé cristã, a figura do missionário, grande colaborador da integração daquela parte imensa do território nacional.

Os antigos meios de transportes por via fluvial ainda continuam a predominar, mas a construção de rodovias, através da selva, cruzando de um lado para o outro aquela imensidão, até há pouco desconhecida e raramente habitada, tem, com os pontos servidos pela aviação, possibilidades de, em algum tempo, tornar a região produtora e seus habitantes sadios e felizes.

As grandes reservas minerais ainda por se explorarem e outras já em franco rendimento darão, em breve, autonomia à região. Os brasileiros contam com a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) para o seu progresso. A Funai, cuidando dos índios, fará deles brasileiros úteis à sua comunidade.

Diante disso tudo, que pensa você do progresso brasileiro nessa área?

Já observou as vantagens que se oferecem aos estudantes que integram o Projeto Rondon, tornando-se conhecedores da realidade brasileira, dela procurando participar e para ela achando soluções?

Integrando a Amazônia no Brasil, afastamos os perigos que possam surgir em zonas desabitadas e, com auxílio de todos, teremos mais uma região produtora de alimentos e de matéria-prima para as futuras indústrias.

O turismo também já descobriu o rio Amazonas e suas belezas e isso sem dúvida é fator de progresso. O rio mar, como era chamado, devido à largura do seu leito, não mais esconde seus encantos aos brasileiros de outras regiões ou aos estrangeiros ávidos de belezas tropicais.

1. EXPLORAÇÃO E OCUPAÇÃO

1.1 *Exploração*

Pela Linha do Tratado de Limites, conhecido como Tratado de Tordesilhas, a atual região amazônica ficava fora dos limites de

Portugal e, em decorrência, do Brasil. Não é de se admirar que seus primeiros exploradores fossem os espanhóis, pois esses já estavam andando em suas terras. No século XVI, a região amazônica foi explorada pela expedição de Francisco Orellana, que navegou pelo rio Amazonas da nascente para a foz. Data desta época uma lenda relativa às índias guerreiras, as Amazonas, que, ao serem vistas, lembravam as mulheres da antiga Grécia, que lutavam em lugar dos homens. Outra lenda, surgida por essa ocasião, foi a do Eldorado, um homem coberto de ouro, cujo nome passou a significar uma espécie de paraíso, uma terra de riquezas fáceis. Na Europa, era corrente a idéia de que todos que viessem para a América logo enriqueciam, e isso fez com que muitos aventureiros partissem para as terras do Novo Mundo, a fim de tentar a fortuna, como se dizia.

1.2 *Ocupação*

A ocupação da região Norte foi uma consequência do povoamento do litoral setentrional do País. Começou essa ocupação com a expulsão dos invasores que pretenderam instalar-se no Maranhão e, depois, na foz do rio Amazonas. De ambos os lugares eles foram expulsos e a colonização foi avançando até que, em 1616, fundou-se a futura Belém do Pará, marco de penetração no mundo amazônico.

O devassamento da Amazônia foi feito pela exploração da planície por onde corre o Amazonas, que vem das altas montanhas do Peru, deslizando mansamente até a foz no Atlântico. O declive do terreno é tão pequeno que, às vezes, o rio parece estar parado; seus inúmeros afluentes, oriundos das duas margens, permitem um equilíbrio constante em suas águas.

A penetração do colonizador nesse mundo desconhecido foi lenta e sempre acompanhando o curso dos rios. Era preciso vencer o meio físico, o clima quente e úmido, a floresta densa, fechada, como são as florestas equatoriais, além de vencer também o elemento nativo, nem sempre amigo do homem branco, o invasor de suas terras.

1.3 *A expedição de Pedro Teixeira*

Durante dois anos, de 1637 a 1639, o capitão português Pedro Teixeira comandou uma expedição que pela primeira vez subiu o rio Amazonas, acompanhado de um punhado de homens intrépidos e sob as ordens de Portugal. Isso é de se admirar, pois, na ocasião, imperava a União das Coroas Ibéricas, isto é, Portugal e Espanha tinham o mesmo Rei.

O Cap. Pedro Teixeira comandou uma verdadeira entrada fluvial e atingiu os domínios espanhóis, situados além da Linha de Torresdesilhas.

O corajoso português colocou o marco de posse em nome de Portugal na confluência do rio Napo com o Aguárico, em plena selva amazônica. Essa expedição alargou o nosso território na parte norte da Colônia e, até hoje, é aí que o Brasil apresenta a sua maior largura. A planície, o rio navegável foram fatores que facilitaram essa penetração, o que não aconteceu em outras regiões brasileiras em que a montanha corre paralelamente à costa. Ao norte esse obstáculo não apareceu aos exploradores e colonizadores.

1.4 *Tratado de Madri*

Com o passar do tempo, no século XVIII, o Tratado de Limites entre Portugal e Espanha, chamado Tratado de Madri e assinado em 1750, deu a Portugal o território devassado por Pedro Teixeira.

O trabalho cartográfico, geográfico e histórico que permitiu a realização desse Tratado deve-se ao paulista Alexandre de Gusmão, portanto, a um brasileiro. Esse Tratado, embora mais tarde anulado e substituído por outro, deu ao Brasil o feitio que tem hoje, como assinala o poeta Cassiano Ricardo, “e o Brasil tomou forma de harpa”.

2. MISSIONÁRIOS E CATEQUESES

Como a população da Amazônia era formada quase que unicamente pelo elemento nativo, como o número de tribos era muito grande e seus componentes numerosos, houve necessidade de uma

assistência religiosa a esses nossos patrícios residentes nesse mundo tão distante da civilização. Desde o século XVI a Igreja se colocou ao lado do índio, defendendo-o, procurando impedir a sua escravização, o que em parte não conseguiu fazer ainda que levantasse sua voz contra os massacres das tribos.

Era comum o uso do braço indígena onde o escravo negro era ausente ou muito caro. São Paulo, ao Sul, e a Amazônia, ao Norte, tiveram sempre o índio como elemento escravizado e, assim a cultura indígena, principalmente a sua língua, teve forte influência no linguajar dessas regiões.

Foram célebres as *tropas de resgate*, expedições que subiam os rios embarcados em canoas e prendiam os índios que eram trazidos para o trabalho nas povoações.

Contra essa escravização, muito lutaram os religiosos missionários de diversas ordens, mas pouco conseguiram. Destacamos como elemento de catequese na região os jesuítas, os franciscanos, os carmelitas e os mercenários, também conhecidos como mercedários.

A esses religiosos muito devem os índios, sempre protegidos e orientados, não só na vida material, como também na espiritual. Fundaram eles missões nas selvas com a finalidade de levar a essas almas um amparo espiritual e um mínimo de conforto às suas aldeias. O contato com os civilizados levou a esses primitivos habitantes da selva toda sorte de doenças e também de vícios, ambos combatidos pelos religiosos.

3. FORMAÇÃO ÉTNICA

3.1 *Índios e brancos*

A Amazônia é essencialmente indígena, quando pensamos em termos quantitativos; suas numerosas tribos, embora formadas de poucos elementos, vivem espalhadas nessa enorme área geográfica. Vivem ainda, na maior parte, em estado natural, assistidos pelas missões religiosas e pelo Governo através da Funai, tarefa delegada anteriormente ao Serviço de Proteção aos Índios.

O cruzamento com o elemento branco se foi fazendo através dos séculos e as suas cidades apresentam hoje os mais diferentes resultados dessa mescla de tipos raciais. Os portugueses colonizadores tiveram reforço de portugueses açorianos, o que fez da Amazônia região de pequena influência negra. Os escravos aparecem no Maranhão e no Pará diminuindo para dentro da área amazônica, que é domínio do índio ou do caboclo. Com a chegada de nordestinos, portanto, de brasileiros, a população não só aumentou, como também recebeu mais um tipo humano diferente. Nos dias que correm, novas correntes migratórias estão procurando o Norte do País em busca de trabalho.

O Brasil compreendeu em tempo que precisava ocupar esse vazio demográfico para integrá-lo em nossa comunidade e assim evitar a cobiça de elementos estranhos ao nosso meio. Por outro lado, é necessário preparar o homem que, de outros locais do Brasil, se dirige para a Amazônia, para enfrentar um tipo de clima diferente; orientá-lo para a modificação que terá de fazer em seus hábitos alimentares, em sua higiene pessoal, para evitar a propagação de germes de doenças. Enfim, é preciso um preparo para o novo colono, antes de conduzi-lo para a Amazônia.

Além dos grandes núcleos urbanos, dentre os quais avulta Manaus, os demais povoados ficam muito afastados uns dos outros e isso torna difícil a colonização, o socorro e o atendimento a essa população dispersa.

A população rural constrói suas casas geralmente em madeira, à beira dos rios ou dos alagados, e as coloca sobre estacas como os primitivos homens que, no passado da história da Terra, chegaram a levantar aldeias sobre estacas, as chamadas *palafitas*, ou casas sobre estacas. Outras habitações são construídas sobre barcos flutuantes, trazendo um aspecto típico à região. Essa população vive da pesca, do extrativismo vegetal e de pouca agricultura.

Pretende-se que o homem vença o meio adverso e passe a viver também longe dos rios, ocupando, além das terras ribeirinhas, outras que fiquem longe das inundações periódicas.

4. COMÉRCIO E TRANSPORTES

A produção da área Amazônica pode ser estudada sem muitas modificações desde o século XVI até nossos dias. É uma zona onde sempre predominou o extrativismo vegetal, coleta daquilo que a floresta apresenta espontaneamente, cuja exploração sempre atraiu os comerciantes. Depois veio o período da borracha, seguido de uma parada e um retorno ao extrativismo. Podemos, portanto, dividir em fases o comércio amazonense e o paraense.

4.1 *Comércio de drogas*

Diferentes levas humanas penetraram na região para colher as chamadas *drogas*, que naturalmente cresciam no solo fértil. Era a colheita de cacau, baunilha, castanha, salsa, canela, além do algodão e do fumo: essas drogas do sertão ainda hoje são exploradas com bons resultados.

Os chamados droguistas eram homens que se aventuravam à vida incerta da floresta, para apanhar seus produtos e vendê-los nos mercados das cidades.

A floresta amazônica, como já foi dito, é o paraíso dos botânicos, devido à imensa variedade de espécies que apresenta, mas para o comerciante ela se transforma num empecilho, pois, não sendo homogênea, torna-se difícil a exploração de uma determinada espécie de vegetal.

4.2 *Comércio de borracha*

Quando a borracha produzida pelos seringais nativos da região atingiu um alto preço nos mercados, a Amazônia passou por um período áureo, pois seus seringais foram invadidos por grande número de imigrantes e a exportação do produto cresceu muito. Constituiu um ciclo econômico, o *ciclo da borracha*, que, embora de curta duração, trouxe muitas conseqüências para o País. Sua matéria-prima, o látex, permitiu a fabricação de pneus para os carros, e o emprego da borracha nos diversos setores da indústria e no cotidiano da humanidade. Correntes migratórias chegavam constantemente à Amazônia, não só fugindo das secas que perio-

dicamente assolam o sertão nordestino, como em busca de um meio diferente de ganhar a vida. Para alguns, o sabor da aventura ou o desejo de um enriquecimento fácil justificavam uma incursão na floresta. Atraídos pela borracha, esses homens passaram a formar parte da população rarefeita daquela zona de rios, floresta e alagadiços.

O oeste da região foi invadido por essa onda de refugiados que se transformaram em coletores de látex. As seringueiras passaram a ter seus troncos marcados de incisões por onde o látex corria e era recolhido em pequenas tijelas. Depois de passado por diversos processos, dele surgia a borracha primitiva, exportada para ser industrializada.

4.3 O Acre

O povoamento dessa região, já na zona de fronteira, por meio de brasileiros, é incontestável, mas havia também bolivianos trabalhando no mesmo setor. Choques armados caracterizaram essa ocupação humana da região, destacando-se, nessa oportunidade, o gaúcho Plácido de Castro, que venceu a questão para o nosso lado. Sua coragem, sua ação decisiva foram coroadas de louros com a assinatura do chamado Tratado de Petrópolis, obra da diplomacia do Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos Júnior. O ato solene se deu na cidade serrana fluminense, onde o nosso representante se encontrava em 1903. Era, então, Presidente da República o cidadão Rodrigues Alves, paulista dos mais ilustres.

Manaus e Belém foram os portos exportadores da borracha e sobre essa época de grande riqueza correm até hoje, na região, muitas estórias e lendas a esse respeito. Esse ciclo, entretanto, não foi duradouro, visto que plantaram-se também seringueiras no Oriente e esta cultura assim ordenada venceu, em pouco tempo, a produção natural da Amazônia. Nosso comércio decaiu e, passado o surto áureo, ou como se diz, a corrida da borracha, voltaram os exploradores para as drogas do sertão, continuaram com a pesca, principalmente do pirarucu, e assim chegaram seus habitantes aos dias atuais, quando se determinou a redenção da região até agora relegada a um segundo plano.

4.4 *Transportes*

Quando focalizamos a Amazônia e estudamos os seus transportes, colocamos em primeiro plano os transportes fluviais. A geografia física determina esse meio de locomoção: a vasta rede hidrográfica é uma característica da imensa planície que ocupa grande parte da região Norte. Os planaltos situados acima e abaixo dessa planície são os pontos onde nascem os rios que alimentam o Amazonas e, por isso, por descerem as montanhas, são rios de planalto, encachoeirados até atingirem a parte plana. Com isso apresentam essas quedas d'água fonte de energia hidrelétrica.

Todos os tipos de embarcações sulcam as águas amazônicas, desde simples canoas ou pirogas dos índios até as maiores embarcações, chegando aos navios nacionais e estrangeiros. Mantimentos, cargas de todo tipo, passageiros e turistas são transportados diariamente para os diferentes portos que margeiam o grande rio e seus principais afluentes. Pretende-se criar novos portos fluviais não só no Pará e no Amazonas, como também no Maranhão e em Rondônia. As rodovias, que eram praticamente inexistentes, hoje são o motivo central do desenvolvimento da região. Depois de vários anos de estagnação, o progresso chegou através do Governo federal. O início foi com a construção da Belém—Brasília, que lembra o nome do seu ardoroso idealizador, Eng. Bernardo Sayão, tão cedo desaparecido. Foi aberta esta rodovia no governo do Pres. Juscelino Kubitschek de Oliveira, havendo sido recentemente asfaltada, pelo que constitui movimentada via de transporte.

O governo do Pres. Emílio Garrastazu Médici deu prioridade à região amazônica em seu programa de governo e rasgou a selva com a construção da monumental Transamazônica. É ela paralela à linha equatorial e faz uma cruz com a Belém—Brasília. Atravessa uma zona rica em recursos minerais, muitos dos quais insuspeitados pela maioria dos brasileiros: o ouro, o estanho, o manganês, a bauxita, o cristal de rocha, diamantes constituem reservas minerais de incalculável valor, aguardando a sua conveniente extração. No Amapá já se explora o manganês, e a reserva da Serra do Navio é a maior do mundo. O exemplo da Transamazônica fez o Governo pensar em construir a Perimetral Norte, no chamado setentrião brasileiro, ligando Macapá ao Acre.

Para vencer a floresta desconhecida e com elevado índice pluviométrico, meses de luta contra o tempo e contra as intempéries levaram homens, máquinas e muita coragem a construir os 6.350km da estrada. As famílias que para lá se dirigiram estão abrigadas em agrovilas ao longo da estrada, e procuraram se adaptar a um novo sistema de vida, de acordo com as características da região, para eles completamente desconhecida. A luta é contra o clima quente e úmido, contra a floresta fechada que tem de ser derrubada, contra as doenças endêmicas que representam obstáculos, mas que em breve serão vencidas. Em pouco tempo veremos os brasileiros ocuparem todo o seu território, alcançando as fronteiras por meio de rodovias e chegando aos países vizinhos. Nessa ocasião estaremos realizando o ideal de Bolívar, o ideal do pan-americanismo. O comércio lucrará, o intercâmbio cultural aumentará e o turismo dará lucro a todos.

A aviação é o meio de transporte moderno que sempre deu apoio à exploração da Amazônia, socorrendo suas populações ribeirinhas, ajudando a todos, apesar de suas pequenas possibilidades. Desde tempos passados valentes e abnegados aviadores dão assistência aos homens isolados no mundo amazônico. Campos de pouso foram abertos na mata e hidroaviões pousam em determinados lugares, transformando aviadores em heróis daquela enorme rede fluvial.